O FAZER VÍDEOS EM ISOLAMENTO SOCIAL: UMA PRÁTICA TÉCNICO-POÉTICA[1]

Karoline Duarte[2], Edélcio Mostaço[3], Bianca Scliar[4].

[1] Vinculado ao projeto "Acontecimento e teatro performativo: Cruzamentos, fronteiras, desvios"
[2] Acadêmica do Curso de Teatro – CEART– Bolsista PIBIC
[3] Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – hateatro33@gmail.com
[4] Orientadora, Departamento de Artes Cênicas – CEART – bibimove@gmail.com

Ingressei nesta bolsa de pesquisa num processo que já estava em andamento, no mês de Fevereiro de 2020. A minha participação foi vinculada a contribuir na criação e concepção de material audiovisual a fim de disseminar o que o grupo de pesquisa inter-textos produziria daquele momento em diante. Limitados às condições adversas da pandemia do Covid-19, meu papel ganhou ligeiras mudanças, concentrando minhas ações em casa por conta do isolamento social. Meu fazer vídeo foi atravessado e será sobre ele que discorrerei nas próximas linhas.

Para criar-se um vídeo, seu procedimento se inicia na pré-produção com o pensar da filmagem: equipamento, locação, cena. Entrei nesta bolsa enquanto a pandemia ainda não havia começado, participando presencialmente de uma das nossas ações enquanto grupo. Durante a Residência "Da Economia à Ecologia das Atenções", realizada no mês de Fevereiro de 2020, fui encarregada de filmar nossos encontros para criar um vídeo que pudesse mostrar um pouco do que foram seus quatro dias de duração. Me interessa muito pensar que corpo é esse que se coloca para filmar, porque cada espaço gera uma relação diferente. E como se filma uma roda de conversa? Neste caso a necessidade era o silêncio. Quando se está com uma câmera na mão dificilmente não se é notada, e ainda mais difícil é não interferir na ação que ocorre naquele espaço — a não ser que você esteja muito, muito longe, e isto quer dizer usar uma lente teleobjetiva. Este corpo que captura imagens e modela o espaço é um corpo-memória, um agente que grava a arquitetura que modifica.

A etapa em que a filmagem acontece chama-se produção. Utilizei uma lente fixa, uma lente que obriga meu corpo a se deslocar para conseguir uma distância diferente do assunto filmado. Meu corpo-memória dança. Nos quatro dias que duraram o evento tentei estar em lugares diferentes para conseguir uma variedade de ângulos favorecidos pela luz e ao mesmo tempo interferir o menos possível na roda de conversa. Para outros vídeos que colaborei na construção imagética, fiz algumas filmagens em casa. Eram quase fotos se não fossem os movimentos sutis provocados pelo vento ou por uma interferência da luz. O isolamento propiciou essa percepção mais sensível para pequenos movimentos: quando seu mundo torna-se a sua casa, seu corpo muda, ele se adapta.

Há também o papel da edição de vídeo que a etapa que acontece na pós-produção, diante do computador. Essa parte pode ser vista como a mais mecânica desse processo, pois existe uma tecnicidade necessária para manipular o programa de edição de vídeo a fim de criar o resultado esperado, embora o que muito me interesse seja a feitura quase artesanal que um processo criativo em aberto com vídeos pode gerar. No exercício de desenvolver vídeos que trouxessem parte das discussões dos encontros do grupo de leitura — que compõe as atividades do grupo de pesquisa inter-textos — utilizei as imagens capturadas pelo próprio computador dos encontros

virtuais na plataforma "jitsi" como a base do material audiovisual. E em conjunto com algumas cenas filmadas da minha realidade diária, de espaços da minha casa e do meu isolamento, articulei cruzamentos. É essa a etapa em que o acontecimento surge, pois há espaço, há escuta e uma potência que emerge de encontros que não se espera entre áudio e imagens em movimento. O "corte e colagem" da edição de vídeo em um roteiro aberto acontece para mim por uma afetação visual. Essa minha forma de compor as cenas vem de um lugar sensível a partir de um domínio técnico, isto é, uma prática técnico-poética onde um saber específico é ferramenta para deixar-se ser tocada por algo.

Manter um roteiro aberto possibilita uma criação mais livre em todas as etapas do processo audiovisual: pré-produção, produção e pós-produção. E aqui se abre um espaço para colocar em prática a sensibilidade do ouvir com os olhos e enxergar com as lentes. Entretanto, o processo de desenvolver vídeos de um corpo em isolamento, que tem vivido dias confinados diante de uma tela de computador, foi restringido a usar filmagens prontas ou fazê-las de sua casa. Inserida nesta perspectiva — a pandemia do Covid-19 — encontrei na etapa da edição uma possibilidade criativa emergente e um fazer vídeo como oportunidade de disseminar nosso conteúdo num momento em que a visibilidade dessa linguagem foi acentuada.

Figura 1. *Frame do vídeo: Da Economia à Ecologia das Atenções | Imersão em Pesquisa-Criação*

Palavras-chave: Vídeo. Corpo. Isolamento.